

Ìlé Alaketú Asé Omi T'Ògun: Etnografia e reflexões sobre intolerância religiosa em um terreiro de Candomblé em Vitória da Conquista – BA

Andreza Silva Prado¹

RESUMO

A intolerância religiosa consiste em um dos maiores problemas na sociedade contemporânea, já que é crime, ódio e fere a dignidade de suas vítimas, que por sua vez são julgadas como “não iguais” por fanáticos religiosos que acreditam que sua religião está acima de todos e é a única que dissemina uma verdade universal e absoluta. Apesar de ser um direito assegurado por Lei no Brasil, a liberdade de crenças e de práticas religiosas tem sido constantemente desrespeitada no Brasil. Em muitos casos, as práticas discriminatórias e de violência contra templos religiosos de matriz africana são estimuladas por membros de igrejas cristãs, sobretudo as neopentecostais. Diante de tais circunstâncias, as reflexões contidas neste trabalho etnográfico, concebido através de pesquisa de campo, têm como objetivo apresentar o ponto de vista de líderes religiosos do Candomblé em relação à intolerância religiosa no Brasil por meio de uma entrevista sobre o tema, bem como nos apresentar a origem do grupo pesquisado e descrições do espaço físico do templo.

PALAVRAS-CHAVES: Candomblé; Intolerância; Respeito.

¹ Graduada em História (Licenciatura plena) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, BA, Brasil / E-mail: andrezapradohist@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o tráfico negreiro no Brasil teve seu início no século XVI e que nosso país recebeu o maior número de africanos escravizados. Mais de 5 milhões de escravos chegaram ao litoral brasileiro, de acordo com um banco de dados chamado *Slave Voyages* criado pela Universidade de Emory, em Atlanta, nos Estados Unidos (Figura 1). Além disso, o Brasil foi a nação americana que mais tardou em abolir a escravidão, já que tal fato só viria a ocorrer em 1888, com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel.

Ao chegarem no Brasil, os africanos eram então submetidos à cultura e à religião portuguesas, simbolizadas principalmente pela catequização católica: Eram então batizados e recebiam nomes cristãos, além de serem proibidos de praticarem sua religiosidade e o culto aos seus deuses. Tais atos eram o início do roubo de identidades dos africanos. Mesmo com o Cristianismo lhes sendo imposto, os africanos escravizados tentaram manter vivas as suas crenças e tradições religiosas e culturais através do sincretismo religioso, associando dessa forma os santos católicos com os seus deuses e até mesmo com as divindades indígenas. De modo que:

As religiões afro-brasileiras em suas origens são modalidades religiosas organizadas no Brasil a partir da inserção de grupos étnicos importados violentamente pelo lucrativo tráfico de milhões de seres humanos. São religiões consideradas mediúnicas, que se estruturaram no séc. XIX como religiões étnicas dos escravos africanos e seus descendentes, mas com o passar dos anos se tornaram multiétnicas ou universais (hoje são religiões encontradas em todo o território nacional e no exterior). (SILVA; SEREJO, p. 232, 2017).

Período	Portugal / Brasil	Totals
1501-1525	4.914	4.914
1526-1550	17.771	17.771
1551-1575	22.174	22.174
1576-1600	67.879	67.879
1601-1625	214.808	214.808
1626-1650	166.017	166.017
1651-1675	209.690	209.690
1676-1700	261.523	261.523
1701-1725	421.232	421.232
1726-1750	470.236	470.236
1751-1775	476.596	476.596
1776-1800	623.298	623.298
1801-1825	1.037.342	1.037.342
1826-1850	1.099.018	1.099.018
1851-1875	7.318	7.318
Totals	5.099.816	5.099.816

Figura 1: Tráfico Transatlântico de Escravos (Portugal/Brasil)²
 Fonte: Slave Voyages (2015).

Pierre Verger (1981 *apud.* OLIVEIRA, 2008, p. 1), etnólogo franco-brasileiro dedicado aos estudos da religiosidade africana no Novo Mundo, afirma que os primeiros registros de cultos de origem africana no Brasil datam do ano de 1680, com base nos escritos concebidos pelo Tribunal da Santa Inquisição de Portugal, denotando que as práticas religiosas de matriz africana foram descritas, em sua maior parte, por seus perseguidores, o que dificulta os estudos acerca dos primórdios dos cultos afros no Brasil, já que essas descrições, por serem feitas pelos perseguidores, estão carregadas de equívocos e preconceitos. Sobre tal fato, Nágila Oliveira dos Santos, especialista em História, Cultura e Literatura africanas e afro-brasileiras, aponta que:

Embora se tenha notícias de cultos africanos desde o século XVII, pouco se sabe sobre os mesmos. Pouco se conhece sobre a [...] história das religiões afro-brasileiras como um todo. Além da história oral, os registros sobre a religiosidade dos negros africanos e de seus descendentes no Brasil são constituídos basicamente de duas fontes: os registros policiais e as notícias de jornal. Diferente das outras religiões, como o Cristianismo, por exemplo, onde parte da História foi escrita por líderes

² Os números referem-se apenas aos desembarcados em litoral brasileiro. Sem contar o total de embarcados que por razões de insalubridade e doenças, morreram durante a viagem.

religiosos, adeptos fervorosos, intelectuais convertidos ou recém-convertidos, como é o caso dos cristãos novos nos trópicos, a história das religiões afro-brasileiras foi escrita em grande parte por seus perseguidores. Isso explica o grande volume de informações incompletas, distorcidas e/ou equivocadas (SANTOS, 2008, p. 2).

A partir daí, percebe-se que a intolerância religiosa não é um fenômeno recente na história do Brasil e que esta encontra-se diretamente ligada ao racismo e à marginalização dos negros em nossa sociedade ao longo da história e que, sob a ótica de Silva e Soares (2015, p. 5), “[...] o que ora se apresenta como um fenômeno de rejeição às religiões de matriz africana, corresponde à negação da identidade negra no Brasil”.

Ao longo da História, os adeptos das religiões de matriz africana percorreram (e ainda percorrem) um caminho de intolerância e resistência para continuarem existindo e para que seu direito de liberdade religiosa seja devidamente respeitado e, embora assegurada pela Constituição Federal vigente em nosso país, os números de casos de intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana vêm crescendo de maneira alarmante no Brasil.

Em 2018, por exemplo, O Disque 100 recebeu 506 denúncias de intolerância religiosa, de acordo com dados divulgados pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2019). Segundo reportagem de William Cardoso para a Folha de São Paulo (2019), um levantamento da Lei de Acesso à Informação demonstra que a Polícia Civil recebeu 562 denúncias de intolerância religiosa somente no período de janeiro a abril de 2019. Tais demonstrações de discriminação consistem desde ofensas a profanações de templos de Umbanda e Candomblé e até violência física.

Os religiosos adeptos de religiões de matriz africana ou afro-brasileiras, a exemplo do Candomblé, Umbanda, Quimbanda, dentre outras, são vítimas constantes de práticas intolerantes e discriminatórias que, em muitos casos, são incitadas por membros de igrejas cristãs, com destaque para as neopentecostais. “Ver esses ataques está ao alcance de qualquer um. Nada parece ter mudado nas últimas décadas — só aumentou o número de pentecostais e, com ele, o de ataques literais e simbólicos” (MARTON, 2019). Vale elucidar que:

Claro que atribuir todos os focos de intolerância tendo como protagonistas apenas os evangélicos consiste em uma generalização, mas localizar e focalizar os fanáticos que utilizam a má interpretação bíblica para disseminar ódio e ignorância para com as pessoas devotas do Candomblé ou qualquer outro tipo de seguimento afro-religioso se faz necessário. Com o crescente número de igrejas de matriz evangélica ligadas ao neopentecostalismo em território nacional, tem se materializado cada vez mais no interior desta abordagem religiosa, um entendimento de combate a cultos e posturas que vão de

encontro com o pensamento destes setores, a força deles se faz presente em vários espaços da sociedade, inclusive nas esferas de decisão políticas como: câmara de vereadores e assembleias legislativas, o que tem contribuído para que algumas discussões em determinadas comissões tenha sido travadas e não desenvolvidas pela pressão destes segmentos. O que se materializa apenas em difusão do ódio, o desprezo e a tentativa de conversão imediata de fiéis afro-religiosos (ARAÚJO; ACIOLY, 2016, p. 570).

De acordo com dados obtidos através do último censo realizado pelo IBGE (2010) e estimativas feitas para os anos posteriores, apesar de a religião com maior número de adeptos ainda ser a católica (64,6% da população), o Catolicismo vem perdendo adeptos ao longo dos anos, ao passo que o número de evangélicos vem crescendo gradativamente (hoje o Brasil possui 22,2% da população que se declara evangélica, enquanto que em 2000, 10,4% da população brasileira era evangélica). Um dos fatos que explica tal crescimento do número de evangélicos é o aumento da influência das igrejas neopentecostais, cuja maior representante é a Igreja Universal do Reino de Deus e a difusão da Teologia da Prosperidade, “que promete prosperidade, felicidade e vitória terrenas” (MARIANO, 2007, p. 50). Sobre o fenômeno do neopentecostalismo, SILVA (2007, p. 64) deixa claro que:

O neopentecostalismo, em consequência da crença de que é preciso eliminar a presença e a ação do demônio no mundo, tem como característica classificar as outras denominações religiosas como pouco engajadas nessa batalha, ou até mesmo como espaços privilegiados da ação dos demônios, os quais se "disfarçariam" em divindades cultuadas nesses sistemas. É o caso, sobretudo, das religiões afro-brasileiras, cujos deuses, principalmente os exus e as pomba-gira, são vistos como manifestações dos demônios. Uma outra face desse processo é, paradoxalmente, a "incorporação" da liturgia afro-brasileira nas práticas neopentecostais de algumas igrejas.

Pinezi e Chesnut (2019) ainda elucidam que:

[...] O discurso neopentecostal, calcado na Teologia da Prosperidade e Saúde, tem como ênfase elementos de ataque a outras religiões que lhes possa fazer concorrência, como o catolicismo. No caso das religiões de matriz africana, o discurso neopentecostal é ainda mais agressivo, alimentando fortemente o imaginário brasileiro de que são religiões demoníacas, associadas ao maligno, à magia negativa e que, portanto, segundo essa visão, devem ser combatidas e destruídas. Os membros da igreja se tornam, a partir desse discurso, agentes divinos que devem destruir terreiros, imagens das divindades das religiões afro-brasileiras.

Diante de tais circunstâncias, percebe-se que os casos de intolerância às religiões afro-brasileiras estão, em grande parte, ligados ao fanatismo de evangélicos que propagam agressões e ofensas aos adeptos de cultos afros. Há duas razões cruciais por trás de tamanha discriminação e intolerância. A primeira é uma imposição demagógica da própria religião como a única detentora da verdade absoluta e, portanto, correta; e a segunda é a falta de empatia e predisposição para conhecerem verdadeiramente as práticas e crenças dos adeptos das religiões de matriz africana.

Essas relações de alteridade existentes entre neopentecostais e adeptos das religiões de matriz africana podem ser também analisadas sob as concepções teóricas de Tvetzan Todorov, que em sua obra, “A Conquista da América: A questão do outro”, aborda as relações que se estabelecem entre “o eu e o outro” no processo de conquista da América no século XVI, que por sua vez, se dá como resultado das diferenças culturais. Na ótica de Todorov, “discursos morais e filosóficos em torno das diferenças culturais tendem a causar um estranhamento e distanciamento ao que é do outro” (SILVA, 2012, p. 4). Portanto:

Posso conceber os outros como uma abstração [...] outro ou outrem em relação a mim. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie. (TODOROV, 2010, p. 3 e 4).

Mediante a existência deste preconceito e total desconhecimento acerca das práticas religiosas do “povo de santo”, o presente trabalho tem como principais objetivos conceber uma descrição etnográfica do cotidiano de um terreiro de Candomblé localizado em Vitória da Conquista – BA, além de promover a reflexão acerca da intolerância religiosa sob a ótica dos iniciados neste mesmo terreiro. A pesquisa que se segue inicia-se com descrições do espaço físico do templo intercalados com alguns relatos sobre o cotidiano do local, seguido de uma entrevista sobre intolerância religiosa com a Mãe de Santo Viviane Sales de Oliveira e o depoimento do Babalorixá Flávio Rosa Silva sobre a origem do Terreiro “*Ilé Alaketú Asé Omi T’ògun*”, concedidos a mim, Andreza Silva Prado.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

A minha visita ao terreiro de Candomblé “*Ilé Alaketú Asé Omi T’ògun*” deu-se nos dias 13 e 14 de agosto de 2018. No dia 13 de agosto, fui recebida pela senhora Viviane Sales Oliveira (Mãe Viviane, cujo posto é o de yoruba) e em seguida pelo senhor Flávio Rosa Silva, o sacerdote do templo conhecido como Pai Lôro.

Tanto a senhora Mãe Viviane quanto o senhor Pai Lôro me receberam muito educadamente e a boa vontade deles me possibilitaram retornar no mesmo dia, às 17 horas, para uma entrevista cujo tema foi a intolerância religiosa.

No horário marcado, eu estava no templo. O local era grande, com muitas árvores, motivo pelo qual os membros chamam o quintal de “roça”. Pude notar logo na entrada que havia uma árvore adornada com tecidos coloridos, vasos e uma estátua de coruja. Quando perguntei à mãe Viviane o porquê daquela árvore estar tão adornada, ela me disse que a referida árvore representava a feminilidade. Ainda na entrada, pude notar a existência de construções, uns eram quartos fechados e outras lembravam “barraquinhas” (Figura 2). Mãe Viviane me disse que um daqueles quartos era o “Quarto de Santo³” e que cada “barraquinha” daquela era o assentamento de um orixá.



Figura 2: Casa e assentamento de Ogum.

³ Termo utilizado para designar o quarto onde são cultuados os Orixás.

A casa também era muito grande, a cor das paredes era essencialmente branca, enquanto portas e janelas eram azuis (Figura 3). Os presentes também se vestiam de branco. Diante desse fato, a minha curiosidade foi maior e questionei o motivo do branco ser tão recorrente ali. Mãe Viviane me disse que eles usam outras cores também, mas o branco é uma cor simbólica porque representa Oxalá⁴, e nos dias da semana dedicados a Oxalá eles usam a cor branca como um sinal de respeito, uma homenagem a esta entidade.



Figura 3: Fachada da casa principal.

Ao entrar para os fundos, me deparei com a figura de um índio dentro de um assentamento semelhante ao da figura 2, porém maior e arredondado, atrás da estátua do índio havia uma bandeira do Brasil. Mãe Viviane me disse que aquele era o Caboclo, então lhe perguntei o porquê daquela ode ao Caboclo. Como resposta, ela me disse que era uma forma de enaltecimento ao que é nosso, ao que é nacional, denotando o grande respeito pelo índio brasileiro. Infelizmente, não tive autorização para fotografar a figura do Caboclo, o que foi uma pena, pois a imagem exalava altivez e beleza.

Logo após, uma árvore bastante alta chamou minha atenção, ela também estava adornada com vasos em sua base, pedi permissão para fotografá-la, no entanto Mãe Viviane me negou essa permissão, alegando que aquela árvore era sagrada.

Mãe Viviane me convidou a adentrar sua cozinha, sentamo-nos em volta da mesa. Tudo ali me lembrava casarões antigos de fazendas. Neste momento, Pai Lôro não se encontrava, então perguntei à mãe Viviane se ela mesma me concederia uma entrevista sobre intolerância religiosa. Depois de hesitar um pouco, o meu pedido foi atendido. Antes de darmos início a entrevista, notei um

⁴ No Candomblé, Oxalá é o primeiro filho de Olorum (maior entidade desta religião) e é considerado o pai dos homens.

objeto de ferro em cima da mesa em forma de um arco e flecha. Na parede também havia um enfeite retratando a mesma figura, perguntei-lhe o que era. Ela me disse que aquele objeto em forma de arco e flecha chamava-se *Ofá* (Figura 4), e representava a ferramenta de caça utilizada pelo Orixá Oxóssi⁵.



Figura 4: Ofá.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: ATÉ QUANDO?

Entrevista: Viviane Sales Oliveira (Mãe Viviane)

*Mãe Viviane diz que amar
é a única forma de acabar
com a discriminação.*

- Sabemos que há uma demonização dos cultos afro-brasileiros, principalmente por parte das religiões cristãs neopentecostais. E isso fica bem claro na seguinte afirmação de Edir Macedo, líder e pastor da Igreja Universal do Reino de Deus: “Se o povo brasileiro tivesse os olhos bem abertos contra a feitiçaria, a bruxaria e a magia, oficializadas pela Umbanda, Quimbanda, Candomblé, Kardecismo e outros nomes, que vivem destruindo as vidas e os lares, certamente seriam um país bem mais desenvolvido” (2002, p. 62). O que a senhora, como adepta do Candomblé, tem a dizer sobre isso?

⁵ Orixá que representa o conhecimento e as florestas, além de ser o protetor dos caçadores.

Mãe Viviane - *Essa demonização e generalização dos cultos afro-brasileiros vêm desde quando os povos negros chegaram ao Brasil na condição de escravos. Quando o processo de escravidão teve início, uma forma de justificar a escravização dos africanos foi alegar que eles não tinham alma, por exemplo, e que eles cultuavam o demônio. Então, a escravidão foi uma forma de tirá-los dessa condição. Essa demonização dos cultos de matrizes africanas ficou no consciente da população e o Cristianismo tem esse propósito de converter as pessoas e de atribuir ao que é diferente de suas crenças, á tudo o que é diferente da sociedade branca e cristã ao demônio. Principalmente aos cultos afro-brasileiros, que é o caso do Candomblé e da Umbanda, que são os mais conhecidos.*

- Então na opinião da senhora, essa demonização é algo que está enraizado em nossa sociedade?

Mãe Viviane – *Exatamente, essa demonização está enraizada por conta de todo esse processo histórico muito bem arquitetado principalmente pelo Estado que instituiu esse modelo escravagista e isso (a demonização) foi repassado através da educação. Diante disso, o que passamos hoje é resultado desse processo, pois onde houve a escravidão negra, há o preconceito. E é justamente isso que ocorre no Brasil. A demonização dos cultos afro-brasileiros não ocorre só por parte dos cultos neopentecostais, mas em todas as igrejas cristãs. Hoje, os neopentecostais nos atacam de forma mais aberta, mas o problema não é só com eles, a Igreja Católica também e as demais crenças cristãs, pois o propósito deles é evangelizar. E quem não aceita essa evangelização está condenado a ser taxado de feiticeiro, de bruxo. O cristão, de modo geral, nos olha como pessoas que não conhecem a luz. No entanto, os neopentecostais nos atacam de forma mais abrangente, visível, até porque os templos neopentecostais estão perto de nós, estão por toda parte, então o ataque é direto.*

- Em sua opinião, a liberdade religiosa vigora plenamente no Brasil?

Mãe Viviane: *Não. Pois apesar de vivermos em um Estado democrático e de direito, a presença cristã dentro das instituições públicas é muito forte, de modo que não há como nós exercermos nossa liberdade de crenças, com ataques constantes aos templos de matrizes africanas, aos sacerdotes e aos adeptos. E o poder público não sabe lidar com isso. Podemos dizer com toda a certeza que não possuímos essa liberdade.*

- Em seu ponto de vista, é possível que a tolerância coexista com a discriminação?

Mãe Viviane: *A tolerância já é uma forma de discriminação. Pois te toleram porque sabem que você existe, mas em nenhum momento irão te respeitar de maneira genuína. Então tolerância e discriminação coexistem sim, pois no fundo são a mesma coisa. Eles só nos toleram porque sabem que não podem acabar com nossa religião. Então, para eles, não resta outra saída que não seja nos tolerar, nos suportar.*

- De onde vem a intolerância? Como ela nasce? Do ódio? Da falta de conhecimento?

Mãe Viviane: *A intolerância referente a qualquer segmento vem da ignorância. Mas especificamente em relação a nós, vem de todo esse processo histórico de escravidão, de demonização, de atribuir á cultura negra inferioridade em relação à cultura branca (europeia), vem da ideia de que tudo o que está fora do continente europeu é inferior, não é civilizado; E isso se une a ignorância, ao medo do desconhecido e de abrir os olhos para ver o que está em sua frente, de enxergar o outro e não desejar mudar o outro, mas sim aceitá-lo e amá-lo. Pois todos nós somos iguais, porém nossa igualdade se dá na diferença, e a beleza está justamente na diferença, na pluralidade. Então por que padronizar? Padronizar a que? Que sociedade perfeita existe para podermos tomá-la como um modelo?*

- A senhora ou qualquer membro deste templo já sofreu algum tipo de discriminação por conta da religião praticada por vocês?

Mãe Viviane: *Sim. Na família temos pessoas que nos discriminam porque fazem comentários maldosos como se cada problema que surgisse em nossa vida se devesse ao fato de estarmos em determinada crença e não na crença que eles consideram a certa. Comentários maldosos surgem também por causa de nossas roupas e adornos. E toda essa discriminação é encarada como brincadeira, mas não são apenas brincadeiras, são ataques ofensivos. Somos diferentes em diversos aspectos, e essa nossa diferença não é vista como normal.*

- Sabemos que a violência é uma ação que vem crescendo de forma assustadora. Vocês que prezam a paz entre os irmãos, o que tem a dizer sobre os adeptos de diferentes religiões que desprezam e discriminam outras religiões?

Mãe Viviane: *A violência é pura ignorância. Eu espero que essas pessoas reconheçam que o deus é único, que ele pode ser encontrado de diversas formas, em diversos caminhos e que o diálogo e o desejo de conhecer o outro são uma forma de amor. É tudo uma questão de amar mais. Pois da mesma forma que eles almejam respeito e buscam esse respeito, nós também temos direitos e estamos lutando por eles. Embora hoje os templos já sejam reconhecidos como patrimônios, os cultos de matrizes africanas sejam reconhecidos como religião, embora exista uma linha de políticas públicas que nos protegem, muitas coisas ainda precisam ser feitas, já que a caminhada é longa. Pois famílias e a própria escola reproduzem essa discriminação para as crianças, os professores, por exemplo, recusam-se a trabalhar com temáticas afro-brasileiras, mesmo sendo algo previsto em Lei.*

- Vocês aceitam o sincretismo religioso?

Mãe Viviane: *Não. Pois o sincretismo religioso é uma forma de discriminação também. Além do mais, nós sabemos muito bem quem cultuamos. Cultuamos Oxalá, Iemanjá, e todos os nossos orixás. Santos católicos não tem nada a ver com orixás, as histórias são completamente diferentes.*

- Como pode ser tratada a questão da intolerância, se no íntimo de cada religião ainda é preconceituoso o modo de ver as crenças alheias?

Mãe Viviane: *Amar. Eu só posso deixar de discriminar meu próximo se eu realmente amá-lo. E também reconhecer o sagrado que existe em mim, no outro, independentemente de quem ele seja e também ter o meu sagrado reconhecido. Só assim, colocando o nosso sagrado, o ser humano, acima de qualquer outra coisa ou interesse.*

- Estamos acostumados a apontar diferenças entre as religiões. Mas em seu ponto de vista, há um ponto em comum que no fundo una todas as religiões?

Mãe Viviane: *A busca pela espiritualidade é o único ponto em comum entre todas as religiões que eu consigo enxergar. Cada grupo religioso busca compreender o mundo, a si mesmo e claro, ficar perto do que acredita.*

ORIGEM: AS RAÍZES DO TERREIRO ILÊ ASÉ OMIN T'OGUN

Em 14 de agosto, às 17 horas, Pai Lôro me recebeu em seu terreiro novamente para me contar sobre a origem do grupo e para que eu pudesse tirar algumas fotografias do seu templo. Ele me convidou para entrar em uma espaçosa sala de visitas e foi lá que ele me deu o seguinte depoimento:

“Meu nome é Flávio Rosa Silva, sou um sacerdote do Candomblé conhecido como ‘Pai Lôro’ e estou à frente do terreiro de Candomblé ‘Ilê Alaketú Asé Omi T’ògun, que está situado na Avenida Itabuna, Bairro Brasil, em Vitória da Conquista e que é um terreiro da nação Ketu. Tenho 42 anos de idade e há 23 anos fui iniciado no Candomblé. Esse terreiro foi fundado a 16 anos em Vitória da Conquista. Este é um terreiro de culto especialmente ao orixá Oxanguian, que é o nome da casa e aqui prevalece a nação Ketu⁶, nação Ioruba – Nagô. A fundação desse templo foi uma missão designada pelos orixás, foi previsto

⁶ As nações, no contexto candomblecista, são ramificações da religião nas quais a prática do Candomblé ocorre de acordo com ritos específicos da origem do povo que o pratica a exemplo da nação Ketu, a nação Jêje, a nação Efon, Angola e Kongo.

desde minha iniciação que eu tinha o cargo de Babalorixá, de pai de santo”.

Depoimento dado, Pai Lôro me acompanhou para que eu pudesse tirar fotos do local. Antes de sair da sala, reparei que na parede havia um quadro retratando Oxum (Figura 5), diante da beleza da pintura, pedi autorização para fotografar. Penduradas na parede havia também máscaras africanas (Figura 6).



Figura 5: Pintura de Oxum⁷.



Figura 6: Máscaras africanas⁸

⁷ Oxum é o orixá feminino dos rios, do ouro, deusa das riquezas materiais e espirituais, dona do amor e da beleza, protege bebês e recém-nascidos.

⁸ Para os africanos, a máscara representava um disfarce místico com o qual poderiam absorver forças mágicas dos espíritos e assim utilizá-las em benefício da comunidade, como por exemplo, a cura de doenças (SOARES, 2009, s.p).

Em seguida, Pai Lôro me levou a um enorme salão, onde acontecem festas mensalmente. Ele me contou que apesar das festas ocorrerem apenas mensalmente, sempre ocorriam rituais ali com uma relativa frequência.

O salão, como já dito, era enorme. Suas paredes eram brancas e as portas azuis, padrão encontrado em todos os recantos do templo. Neste salão, havia também espécies de arquibancadas. Pelo que eu pude perceber, quando ocorre algum ritual ou festa ali, as mulheres sentam-se separadas dos homens, já que logo acima de cada uma dessas arquibancadas, pode-se ler em letras azuis, “senhoras” e “senhores”. Logo à frente estava o altar (Figura 7), atrás dele havia tambores usados nos rituais, estes estavam cobertos por um pano branco, lá também ficava a cadeira do sacerdote (Figura 8).



Figura 7: Altar. Ao fundo, tambores cobertos por tecidos brancos.



Figura 8: A cadeira do sacerdote.

Em seguida, reparei em uma figura de ferro usando um capacete de prata (Figura 9), perguntei a Pai Lôro o que era aquilo, como resposta, ele me disse que aquelas eram as ferramentas de Ogum.



Figura 9: Ferramentas de Ogum.

Pai Lôro permitiu que eu fotografasse mais dois objetos dentro do salão. Sendo eles o “Pilão de duas bocas de Oxanguian⁹” (Figura 10) e o “Axé da Cumeeira” (Figura 11), que ficava pendurado na parte central do teto do salão. Perguntei a Pai Loro o significado desse último objeto, ele me disse que o Axé da Cumeeira representava a força, o ponto central de energia e um pilar de sustentação da casa, servindo como uma ligação com o sagrado e que, portanto, deveria ser muito bem cuidada para que nada de ruim acontecesse ao templo.



Figura 10: Pilão de Duas Bocas de Oxanguian.

⁹ Orixá filho de Oxalufã, é o responsável por prover coragem aos seus filhos nas superações de lutas diárias. Na mitologia Yorubá, seu alimento favorito é inhame pilado, por isso o pilão é um de seus símbolos.



Figura 11: Axé da Comunheira
Fonte: Arquivo pessoal.

Logo após deixarmos o salão, pedi autorização para fotografar algumas árvores, ele disse que no momento eu não poderia fotografar nenhuma delas. Sendo assim, agradei a atenção que recebi por parte dele e de Mãe Viviane e desejei que um dia eles conseguissem definitivamente o respeito que tanto almejam e merecem. Pai Lôro me agradeceu, e ao final despediu-se de mim dizendo um caloroso “Axé”.

REFLEXÕES FINAIS

Ao longo dos séculos, a intolerância religiosa, intrinsecamente ligada ao racismo enraizado (e institucionalizado) nas relações sociais do Brasil, manifesta-se de variadas formas e nas mais diversas esferas da sociedade, seja de caráter político, econômico, social e cultural, deixando elucidada a carga ideológica herdada da mentalidade colonial que permeou por séculos a formação da nossa sociedade.

A ignorância e a falta de capacidade de reconhecer o sagrado e os valores culturais e identitários de cada grupo religioso, bem como de respeitar os direitos e garantias fundamentais que todo ser humano possui de exercerem (ou não) sua fé sem terem que ser alvos de discriminação ou violência, unidas a um fundamentalismo religioso demagógico e cego que prega a soberania de uma única crença (a Cristã) e uma verdade absoluta em detrimento de todas as outras religiões existentes, são os principais fatores que fazem com que a intolerância religiosa ainda exista e cause tanto sofrimento e injustiças em nosso país e no mundo.

Diante do que foi apresentado, conclui-se que a tolerância religiosa é ainda muito pouco para que os adeptos das religiões de matrizes africanas sejam respeitados de uma vez por todas, é necessário algo maior que isso: Só com o respeito e o amor ao próximo poderemos acabar com o ódio, a violência e o desrespeito causados pela intolerância religiosa. Sem essas virtudes e sentimentos, nada poderá ser feito.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Victor Antônio Bispo de; ACIOLY, Augusto Cesar. **Intolerância Contra Afro-Religiosos**: Conhecendo o candomblé dentro da sala de aula. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB. v. 17, n. 1, 2016.

BRASIL, Ministério da Mulher, da família e dos direitos humanos. **Balanco anual: Disque 100 registra mais de 500 casos de discriminação religiosa**. 2019. Disponível em: < <https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/junho/balanco-anual-disque-100-registra-mais-de-500-casos-de-discriminacao-religiosa>> Acesso em 28 jul. 2019.

CARDOSO, William. **Cresce registro de crimes de intolerância religiosa em São Paulo**. Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2019/08/cresce-registro-de-crimes-de-intolerancia-religiosa-na-capital.shtml>> Acesso em 21 ago. 2019.

IBGE. **Censo demográfico 2010**: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em 10 jul. 2017.

MACEDO, Edir. **Orixás, Caboclos e Guias**: deuses ou Demônios? Rio de Janeiro: Universal Produções, 2002.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos IN SILVA, Wagner Gonçalves da (Org.). **Intolerância Religiosa**: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2007.

MARTON, Fábio. Relatos apontam proliferação de ataques às religiões afro-brasileiras. **Folha de São Paulo**, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/09/relatos-apontam-proliferao-de-ataques-as-religioes-afro-brasileiras.shtml>> Acesso em 16 set. 2019.

PINEZI, Ana Keila Mosca; CHESNUT, Andrew. **O Bonde de Jesus e o “narcopentecostalismo”**: Racismo e intolerância religiosa no Brasil da Era Bolsonaro. Diário do Centro Mundo, 2019. Disponível em:

<<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-bonde-de-jesus-e-o-narcopentecostalismo-racismo-e-intolerancia-religiosa-no-brasil-da-era-bolsonaro/>> Acesso em 13 out. 2019.

SANTOS, Nágila Oliveira dos. Do Calundu aos Primeiros Terreiros de Candomblé no Brasil: De culto doméstico à organização político-social-religiosa IN **Revista África e Africanidades**. Rio de Janeiro, ano 1, maio 2008.

SILVA, Artenira da Silva e; SEREJO, Jorge Alberto Mendes. A Intolerância Religiosa Contra As Religiões Afro-Brasileiras E Os Impactos Jurídicos do Caso “Edir Macedo” IN **Cadernos de Pós-Graduação em Direito UFRGS**. Porto Alegre, ano 1, 2017.

SILVA, Luciana Carvalho da; SOARES, Katia dos Reis Amorim. A intolerância religiosa face às religiões de matriz africana como expressão das relações étnico-raciais brasileiras: o terreno do combate à intolerância no município de Duque de Caxias, 2015 IN **Revista EDUC Faculdade de Duque de Caxias**, v. 01, nº 03, Jan-Jun 2015. Disponível em: <<http://www.faculdadededuquedecaxias.edu.br/educ/downloads/numero3/1-artigo.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

SILVA, Maria Rejane da. Intolerância e Demonização das Práticas Religiosas Afrobrasileiras na Cidade de Petrolina/Pe nos Anos 40 e 70. IN: **ENCONTRO ESTADUAL ANPUH: História e Contemporaneidade: articulando espaços, construindo conhecimentos**. 10. 2014. Petrolina. Anais do Encontro História e contemporaneidade: articulando espaços, construindo conhecimentos: X Encontro Estadual de História da ANPUH de Pernambuco. Petrolina: 2014. P. 1-18.

SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). **Intolerância Religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 2007. 20 ago. 2017.

SLAVE VOYAGES. **Tráfico Transatlântico de Escravos**. 2015. Disponível em: <<https://slavevoyages.org/assessment/estimates>> Acesso em 26 ago. 2019.

SOARES, Danilo. **Expressões da Arte Africana**. 2009. Disponível em: <<http://artedafrica.blogspot.com/2009/>> Acesso em 24 ago. 2019.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: A questão do outro**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.